

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR¹

LANGUAGE AND PRODUCTION OF SENSES: THE CHALLENGE OF SCHOOL EDUCATION

Simone Zientarski Fontana², Maristela Borin Busnello³, Ana Claudia Soares⁴

¹ O trabalho é resultado das discussões da disciplina de "Paradigmas do Conhecimento", ministrada no Programa de Pós-Graduação de Educação nas Ciências da Unijuí e realizada durante o Curso de Mestrado em Educação nas Ciências.

² Mestranda do PPGEC - Unijuí, Bolsista CAPES, membro do Grupo de Estudos em Educação Popular (GEEP)

³ Professora do Departamento de Ciências da Vida e professora colaboradora do PPGEC Unijuí.

⁴ Mestranda do PPGEC - Unijuí, Bolsista CAPES, membro do Grupo de Estudos em Educação Popular (GEEP)

LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Resumo

A linguagem apresenta-se fundamental como forma de comunicação entre os sujeitos, fazendo parte, portanto, da condição humana. No âmbito escolar, a relação da linguagem com a produção de sentidos torna-se, ainda, mais complexa, pois neste contexto há variadas experiências e concepções diferentes. Este trabalho tem como objetivo promover uma reflexão acerca da linguagem e produção de sentidos na educação escolar. O texto apresenta-se como pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, proveniente das discussões propostas ao decorrer da disciplina de "Paradigmas do Conhecimento", ministrada no Programa de Pós-Graduação de Educação nas Ciências da Unijuí e realizada durante o Curso de Mestrado em Educação nas Ciências. A sala de aula enquanto locus privilegiado de interação pode ser vista como uma grande oportunidade de aprendizagem, de construção e empoderamento. Enquanto prática social ela desenvolve sentido a partir da comunicação, da interação com os outros, ou seja, do diálogo. Ao assumir seu caráter processual, ela é entendida em constante criação e reinvenção a partir das diferentes argumentações que são traçadas em cada diálogo. Consideramos que a linguagem demanda interpretação, sentido e aplicabilidade para que os educandos sejam capazes de manifestar seus pensamentos, suas aprendizagens e suas verdades numa perspectiva crítico-reflexiva reformulando suas próprias concepções pré-estabelecidas. O conhecimento exige dos sujeitos um contínuo processo de adequações, construções e contemplação das singularidades que o abarcam.

Abstract

Language is fundamental as a form of communication between subjects, therefore being part of the human condition. In the school context, the relationship between language and the production of meanings becomes even more complex, since in this context there are varied experiences and different conceptions. This work aims to promote a reflection on language and the production of meanings in school education. The text is presented as a bibliographic research, of a qualitative nature, arising from the discussions proposed during the course of "Knowledge Paradigms", taught in the Post-Graduate Program in Education in Sciences of Unijuí and held during the Master's Course in Education in Sciences. The classroom as a privileged locus of interaction can be seen as a great opportunity for learning, construction and empowerment. As a social practice, it develops meaning

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

based on communication, interaction with others, that is, dialogue. When assuming its procedural character, it is understood in constant creation and reinvention from the different arguments that are outlined in each dialogue. We consider that language demands interpretation, meaning and applicability so that students are able to express their thoughts, their learnings and their truths in a critical-reflexive perspective, reformulating their own pre-established conceptions. Knowledge requires from the subjects a continuous process of adjustments, constructions and contemplation of the singularities that encompass it.

Palavras-chave: Linguagem. Produção de sentido. Escola.

Keywords: Language. Production of meaning. School.

INTRODUÇÃO

A linguagem apresenta-se fundamental como forma de comunicação entre os sujeitos, fazendo parte, portanto, da condição humana. No entanto, apesar de ser comum a todos os seres humanos, e, inclusive, por isso mesmo, o processo da linguagem não se dá de forma linear, pois parte da singularidade de cada sujeito e, assim, da produção de sentidos que é promovida por cada um. Com base nisso, sua articulação com o ambiente escolar, torna-se fundamental no que implica à construção histórica e social da educação na vida dos sujeitos.

No âmbito escolar, a relação da linguagem com a produção de sentidos torna-se, ainda, mais complexa. Isso porque, a relação ensino-aprendizagem é constituída de muitos sujeitos, todos estes, trazendo as mais variadas experiências, concepções agindo na construção do conhecimento. Ao mesmo tempo em que o educador apresenta o objeto de conhecimento a ser estudo e contemplado pelos educandos, ele parte de um entendimento sobre o mesmo, que não é neutro, pois é, também, construído a partir das percepções e construções pessoais. Essas que continuamente se adequam, multiplicam-se e/ou subtraem em um movimento de estruturação do conhecimento. Em resumo, são muitas as visões em torno de um mesmo objeto de conhecimento e neste movimento a linguagem encontra-se impreterivelmente marcada como objeto de manifestação articular.

Nessa via, pergunta-se: O que é possível considerar acerca da relação entre linguagem e produção de sentidos no contexto escolar? E assim, com o propósito de responder esta pergunta, este trabalho tem como objetivo promover uma reflexão acerca da linguagem e produção de sentidos na educação escolar. Configurando-se como proposição de reflexão sobre estes aspectos, reconhecendo, no entanto, que essa é apenas uma visão dentre as muitas possíveis sob o tema.

O texto apresenta-se como pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Fruto proveniente das discussões propostas ao decorrer da disciplina de “Paradigmas do Conhecimento”, ministrada no Programa de Pós-Graduação de Educação nas Ciências da Unijuí e realizada durante o Curso de Mestrado em Educação nas Ciências.

LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: COMO PENSAR ESTA RELAÇÃO NO

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

CONTEXTO ESCOLAR?

Ao escrever que “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Porque [o ser humano] compreende e interpreta a partir do mundo que habita”, Boff (1997, s/p) chama a atenção para uma particularidade humana bastante dinâmica e onipresente: a linguagem. Esta faz parte, de uma forma ou de outra, de todas as criações humanas é fundamentalmente embasada nas relações estabelecida pelos sujeitos.

A linguagem nos constitui humanos, sendo estruturante de nosso ser e fazer no mundo, de diferentes maneiras. Para Gadamer “o caráter da linguagem é o de ser ‘médium’, ou seja, mediação do acordo entre as partes, sendo a linguagem um meio entre eu e o mundo” (apud NEUBAUER, 2010, p.22). É a partir dela que pretendemos estabelecer acordos em coletividade, em torno do que buscamos e do caminho que pretendemos tomar em prol de nossos objetivos. Nessa mesma perspectiva, para Vygotsky (s/p), na linguagem o poder das palavras é impreterivelmente ligado ao pensamento, representando “uma amálgama tão estreita, que é difícil dizer se se trata de um fenômeno de pensamento, ou se se trata de um fenômeno de linguagem”. Uma vez, que o movimento entre pensamento e linguagem representa-se a partir de uma união metafórica constituída por palavras.

Nesse contexto, é importante ponderar a complexidade da linguagem do mundo humano. Uma vez que não se pode considerá-la como algo convencional, em que as palavras tenham igual sentido para todos, mas, ao contrário, ela está em constante construção e reconstrução, de forma particular, em cada indivíduo. Sua representatividade desenha-se em um cenário construído individualmente pelos sujeitos, a partir das diferentes vivências e experiências que ele tem com a linguagem, sendo que cada pessoa produz seu o próprio sentido. De maneira prática, é assim que se pode explicar que uma palavra tem um sentido diferente para cada pessoa, mesmo que sua contemplação ocorra por intermédio de uma relação associativa ainda assim ela “solicita no espírito o seu conteúdo” (Vygotsky, s/p).

Dada a complexidade da(s) compreensão(ões) de uma palavra, a mesma é ainda maior diante de uma ideia, um texto, um contexto... Assim sendo, pode-se afirmar que cada sujeito que ouve ou lê um conteúdo, por exemplo, tem uma leitura singular daquilo que experiência, que é diferente daquilo que as demais pessoas que tiveram acesso ao mesmo material, terão. Ou seja, cada sujeito realiza uma interpretação, produz sentido de acordo com as suas experiências acerca da linguagem, é como se constantemente ocorresse um movimento de significações das palavras alternando-se de acordo com a sua natureza interna que as compõem e da compreensão pelas quais resultam.

Desta forma é possível dizer que todo o conhecimento produz de alguma forma um movimento de tradução, uma interpretação (MORIN, 2015) e, nessa condição

o intérprete não sabe que carrega para dentro de sua interpretação tanto a si mesmo quanto aos seus próprios conceitos. A formulação, na linguagem, é tão inerente à opinião do intérprete, que em nenhum caso se torna objetiva para ele. (GADAMER, 2006 apud NEUBAUER, 2010, p. 23).

A pluralidade de compreensões se faz ainda mais evidente no espaço escolar, arquitetado pelas premissas sociais e culturais que neste espaço de ensino se dinamizam. Diariamente, milhares de

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

crianças, jovens e adultos frequentam os bancos escolares, cada um se constitui a partir de suas vivências, histórias, cultura, modos e tempos de aprendizagem, tudo isso compõe um ser único e diferente de todos os outros.

Nesse sentido, as salas de aula abarcam toda a pluralidade do grupo, e eis aí o grande desafio da educação escolar: como pensar a aprendizagem diante das nuances da linguagem. Uma vez que elas dão margem a múltiplas produções de sentido, gerando diferentes entendimentos sobre um mesmo assunto e, que são diferentes do entendimento do próprio educador. O qual de modo geral, pretende que os alunos aprendam o conteúdo da forma como ele o vê, gerando como produto final da aprendizagem um produto que não condiz necessariamente com um final, mas sim de um recomeço, até então desconhecido raciocínio.

O pensamento pós-metafísico encontra no mundo humano, um universo finito articulado em padrões de verdades que são construídos sob perspectivas divergentes, tornando-os precários e provisórios, mutáveis e independentes (STEIN, 1996). Sendo assim, é necessário que a escola produza caminhos que possibilitem por intermédio da linguagem, aprendizagens capazes de fazer com que os humanos estabeleçam por si só as verdades que pretendem acreditar, e sob quais as regras que pretendem assentar-se á elas, em uma relação de reciprocidade (BOUFLEUER, p,9 s/d). Com isso entra em cena a dialogicidade do humano, a sua construção de aprendizagem, a capacidade de compreensão e entendimento, que os sujeitos desenvolvem através das ações educativas sejam elas pregadas ao âmbito escolar ou fora dele.

Faz-se importante o reconhecimento de que a leitura que o aluno faz sobre determinado conteúdo não será a mesma que o educador insistentemente tenta “passar” em suas aulas. Afinal, cada interpretação é única e depende da rede de sentidos e significados construídos pelo aluno, que são diferentes de seu colega e, do educador. De acordo com Buchvitz (2007, p. 29), “o professor precisa sair do plano das certezas pedagógicas para possibilitar a construção do saber, pois uma palavra é sempre uma variável a ser investigada, não uma resposta prevista nos códigos sociais de comunicação.”. Uma mesma palavra escrita por ambos pode vir a produzir diferentes significados, estigmas e sentimentos á outro.

Dessa forma, a educação, em especial, a escolar encontra-se tomada por esta condição. A aprendizagem necessita ser compreendida, neste contexto, como uma produção constante de sentidos, em que diferentes concepções e entendimentos de uma mesma questão estão presentes na sala de aula. Ela se configura sob os aspectos de “continuidade de geração para geração”, não em forma de repetição, mas sim sob a possibilidade de aprender com a perspectiva de subsistência (BOUFLUER, p. 10, s/d).

É ingênua a ideia de que os conhecimentos podem ser transmitidos, igualmente reproduzidos pelos alunos, com exatidão, de acordo com o que pensa o educador sobre aquele tema. Cada educando, assim como cada educador, constrói sua própria e singular perspectiva de aprendizagem, embasada teoricamente sob alguma concepção de aprendizagens já desenvolvida, constituídas em um movimento de quem “veio antes” e quem “veio depois” (BOUFLUER, p. 10, s/d).

Nesse nuançe de possibilidades de aprendizagens, construções de conhecimentos, a educação decorre como que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

um processo de produção de sentidos na medida em que discursos os produzem na sucessão tangencial do perguntar e do responder, consubstanciados no interpretar. A essência da educação é produzir sentido(s) e interpretar, que equivale se lançar para além do agora dito [...]. A busca do conhecimento é a busca de sentidos. Fora da linguagem nenhum sentido é possível. E fora da compreensão de sentidos, nenhuma normatividade é possível. (BERTICELLI, 2004, p. 306-307 apud FENSTERSEIFER, 2009, p.206).

Nessa via, é relevante destacar que a compreensão acerca do que é a linguagem é mais ampla do que parece ser, não sendo limitada ao entendimento de que ela só pode ser expressa por palavras (GADAMER apud FENSTERSEIFER, 2019). Reconhecendo sua complexidade, aponta-se para a importância da valorização de diferentes formas de expressão da linguagem no espaço escolar. Assim, por parte da escola, se espera que a partir dos conteúdos, seja possível explorar recursos auditivos, visuais, sensitivos em busca de um olhar multidimensional da linguagem. O estudo de um determinado objeto do conhecimento pode ser estudado sob diferentes enfoques o que, abrange as múltiplas formas de aprendizagem dos educandos, ao passo que permite diversos processos emergentes à produção de sentido.

No entanto, esta postura gera certa desacomodação, uma vez que

exige a busca de caminhos teóricos e metodológicos que permitam lidar com a complexidade contida na produção de sentidos e na construção da subjetividade nos processos de aprender e de ensinar. Não se trata de uma tarefa fácil, pois, [...] a produção de sentidos implica uma dimensão de complexidade na qual estão em jogo configurações de sentidos produzidos nas trajetórias de vida dos sujeitos. (SCOZ, 2007, p.133)

A presente discussão se faz importante tendo em vista que a concepção acerca da mesma direcionará a prática pedagógica em torno de um objetivo determinado e, por isso a necessidade de clareza no entendimento desta questão por parte dos profissionais da educação. Afinal, a educação se faz pela linguagem, pois “o que sabemos sobre o fazer nós o sabemos por meio da via de manifestação, que é a linguagem”. (BOUFLEUER, 1997, p.60). A partir de uma construção conjunta entre educador e educando, a educação emerge no processo de idealizar preceitos, articulando condições que estabeleçam possibilidade para sua concretude.

Diante de uma herança educacional conhecida como “tradicional”, pautada na individualidade e “transmissão” de conhecimentos em que o aluno é apenas um sujeito passivo perante os saberes historicamente construídos, repensar a prática docente com o olhar voltado aos saberes e aos sentidos produzidos por cada estudante em um processo de interação e construção de conhecimentos em conjunto é desafiador. Esta tarefa exige do educador uma preocupação constante com sua formação, desacomodando seus saberes sobre o mundo e sobre seu fazer. Além disso, demanda de uma constante construção e desconstrução de seus próprios saberes, no movimento de aprendizagem sob influentes articulações das competências pedagógicas que o permeiam.

Isto acontece porque, tendo como espaço de diálogo e reflexão a respeito da realidade, o educando

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

oportuniza, munir-se de argumentos para questionar as verdades apresentadas pelo educador e, então, “talvez os alunos os deixem em crise, obrigando-o a refazer os seus argumentos e, inclusive, a questionar o seu próprio ensinamento, caso não tenha como sustentar a validade dos conteúdos constantes do seu programa de ensino”. (BOUFLEUER, 2012, p.11).

Neste processo é possível visualizar que a concepção de linguagem repercute diretamente na avaliação dos alunos, no feedback construído por eles. Sendo assim um educador que considera que a forma como ele apresentou o conteúdo é a única possibilidade correta e que quaisquer outras compreensões que não reproduzam fielmente sua visão estão equivocadas, não considera a dimensão subjetiva da linguagem e, por sua vez, não avalia o percurso de construção de conhecimentos ao longo do processo, que depende de cada educando e de suas próprias perspectivas. No entanto, de outro lado, existe a perspectiva de um educador que leva em consideração a dimensão interpretativa dos conceitos, avalia a construção de seus alunos a partir das limitações e potencialidades das diferentes leituras acerca do conteúdo. Essa perspectiva vislumbra uma importante questão contemplada por Freire (1999, p.54), de que “o professor precisa (...) saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A sala de aula enquanto locus privilegiado de interação pode, ser vista como uma grande oportunidade de aprendizagem, de construção e empoderamento. É importante destacar que a linguagem traz ou desenvolve sentido a partir da comunicação, da interação com os outros, ou seja, do diálogo. Ao assumir seu caráter processual, ela é entendida em constante criação e reinvenção a partir das diferentes argumentações que são traçadas em cada diálogo. Para Marques (1993), a produção do conhecimento não se dá de forma isolada e solitária, a partir de apenas uma consciência, mas necessita de um grupo e da linguagem para acontecer, sendo reconhecido seu caráter processual e dialógico.

Nesta óptica, a linguagem é entendida como prática social, uma vez que necessita do envolvimento do outro para que a comunicação aconteça. Ela exige um posicionamento, seja de concordância ou oposição em relação ao que foi dito, o que estabelece uma relação entre eu e o outro em um processo argumentativo. De acordo com Marques,

Esta visão ampliada da educação implica em nova maneira de se considerarem os conhecimentos trabalhados na escola, com vistas à reconstrução efetiva deles, não uma simples reprodução, mas reconstrução em que sejam inseparáveis as capacidades cognitivas ou técnicas, as atitudes e os valores de frente à vida e à sociedade, as competências de uso da linguagem como ativa inserção nas comunidades discursivas da argumentação concretamente situadas e como ação consciente e responsável, como expressão das próprias vivências subjetivas. Uma educação em que se impliquem o saber, a ação e a emoção (MARQUES, 1993, p. 103-104).

Em consonância com esta ideia, é imprescindível “pensar o espaço da educação como o espaço do diálogo argumentativo enquanto forma de realização da sua dimensão crítica” (BOUFLEUER, 2012, p.11). Daí a importância do entendimento do que significa a linguagem na vida humana e como pensá-la e concebê-la nos atos pedagógicos. Como já dito, a partir das concepções do educador

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

sobre linguagem, dar-se-á o processo de ensinar e aprender, entendendo-a enquanto processo e potencialidade em seu sentido subjetivo ou enquanto mero instrumento reprodutor daquilo que já está dado, rígido, finito e inquestionável em termos de conhecimento.

A formação docente, nesse sentido, deve ser contínua, crítica, questionadora e reflexiva acerca de todas as práticas pensadas em sala de aula. (FREIRE, 1999) Resgatar a importância de uma construção única e singular de cada sujeito vai além do encontro de ideias ultrapassadas de educação que valorizavam a mera reprodução dos conteúdos. Vislumbra-se em um locus, onde a aprendizagem necessita esta acoplada aos preceitos que antecedem a produção de sentidos, e encontra-se articula em uma relação de respeito e de cooperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, é possível compreender que a relação entre linguagem, produção de sentido e educação escolar é deveras subjetiva e pressupõe trabalhar em prol de um processo educacional que considere as interpretações/construções de cada aluno sem perder de vista o mote de discussão científica do conhecimento.

O desafio à educação contemporânea está em vislumbrar uma reflexão sob o viés crítico, ultrapassando moldes obsoletos de transmissão de conteúdos, com vistas à formação de cidadãos autônomos e participativos, preocupados com o mundo comum e que busquem melhorias em favor deste.

A linguagem, o pensamento e as concepções e perspectivas de aprendizagem-ensino se desenham em um leque amplo de possibilidades. Estas nada são senão puder se fazer valer do humano e das demais manifestações de singularidade que o contemplam. A linguagem se desenha sobre um processo de reciprocidade, nas relações de aprendizagens, nos processos do viver educativo.

Ela demanda interpretação, sentido e aplicabilidade para que os educandos sejam capazes de manifestar seus pensamentos, suas aprendizagens e suas verdades numa perspectiva crítico-reflexiva reformulando suas próprias concepções pré-estabelecidas. O conhecimento exige dos sujeitos um contínuo processo de adequações, construções e contemplação das singularidades que o abarcam.

REFERÊNCIAS

BOOF, Leonardo. **A águia e a galinha**. São Paulo: Vozes, 1997.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas**. Ijuí, UNIJUÍ, 1997.

BOUEFLEUER, José Pedro. **Mundo comum e formação crítica em perspectiva pós-metafísica**. IV SENAFE – UFSM, 2012.

BUCHVITZ, Paulo Arthur. Paulo Freire e Lacan: Liberdade, linguagem e saber. **Perspectivas online**, Campos dos Goytacazes, v.1, n.4, p.25-30, 2007.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Etimologia e prática pedagógica**. Revista Brasileira de Ciências

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

no Esporte. Campinas, v. 30, n. 3, p. 203-214, maio 2009.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Linguagem e conhecimento**. Texto didático utilizado em aula. Ijuí, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução**. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1993.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEUBAUER, Vanessa Steigleder. **Gadamer: interpretação, educação e ensino da arte**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). UNIJUÍ, Ijuí.

STEIN, E. J. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SCOZ, Beatriz. Produção de sentidos, ensino e aprendizagem. **Revista Psicopedagogia** 2007; 24(74): 126-3.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Font

Parecer CEUA: 3.702.454